

EDITORIAL

Para iniciar este editorial sobre a “mística na Bíblia” quero me inspirar em três dimensões do relacionamento humano que a comunidade mateana coloca na boca de Jesus (Mt 6,1-18): um texto do Sermão da Montanha. O judeu fariseu levava sua vida em torno de três grandes práticas religiosas: esmola, oração e jejum. Jesus re-significa as três práticas.

A primeira dimensão é a da esmola (Mt 6,2-4): *o ser humano vive em relação ao outro ser humano*. Ser dependente é uma dimensão verdadeira da condição humana. Todos precisam dos outros. O amor é o resumo da necessidade que a pessoa tem de outra pessoa para se realizar na vida humana.

A segunda dimensão é a da oração (Mt 6,5-15): *o ser humano vive em relação a Deus*. O ser humano não é Deus, mas criatura limitada. A oração manifesta a busca contínua da pessoa em Deus: que Deus, então, mostre o sentido da vida que o ser humano quer ter. O místico balbucia “papaizinho-mamãezinha querida” o Abá (6,9). Ele se envolve com Deus.

A terceira dimensão é a do jejum (Mt 6,16-18): *o ser humano vive em relação consigo mesmo*. A pessoa vai vendo que é um ser histórico aberto que se liberta, dinamicamente, para mais vida. Não é só abstinência do alimento e bebida. É abertura da pessoa que se descobre e encontra, doando-se aos irmãos, para poder abrir-se e doar-se “inteiramente” a Deus. Por aí, podemos abrir uma janela para entendermos a “Mística na Bíblia”.

Este número da Revista *Estudos Bíblicos*, coordenado pelo Centro-Oeste, quer refletir sobre a mística que movia mulheres e homens a defender, lutar e propor uma causa viva. Por que certas pessoas se envolviam (“tu me seduzistes”), totalmente, com Deus e, a partir de Deus (“Senhor, tu me seduzistes”), moviam-se na defesa da justiça? Por que aqueles identificados com Deus, quase sempre, identificavam-se também com os pobres?

A mística bíblica que, muitas vezes, se identifica com o “jogar-se nas mãos de Deus”, na profunda interioridade, torna-se mística do amor aos pobres na defesa de dignidade, de justiça, de pão, de terra, de uma outra sociedade. Quando há este envolvimento, na práxis, a mística se torna misteriosa e, por vezes, atrevida. O místico da Bíblia trilha o caminho dos profetas. É interessante constatar como tantos místicos da Bíblia (Isaías, Jeremias, Amós, João Batista, Paulo, grupos do Apocalipse, Jesus) atraíram, sobre si e as comunidades, a perseguição. A mística compromete. Além do encontro consigo mesmo (jejum), o místico se envolve com Deus (oração) e com o injustiçado (esmola). Por isso, a espiritualidade traz desafios: “é preciso, ainda, profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10,11).

A mística incomoda e desacomoda, porque ela, longe de ser um pietismo alienante, aponta para a dimensão libertadora. O místico anda de mãos dadas com o profe-

ta. Se tivemos um Jeremias, tivemos também um M. Gandhi; se conhecemos Amós, conhecemos também Dorothy; se nos espelhamos em Isaías, podemos fazer o mesmo em P. Casaldáliga; se ouvimos o *Magnificat* de Maria, ouvimos também Tereza de Calcutá; se nos baseamos no poeta dos salmos (Sl 42,2: “a minha garganta (alma) tem sede de Deus”), baseamo-nos, no passado, em Catarina de Sena, Tereza d’Ávila e, nos nossos dias, em D. Hélder Câmara.

Os nossos articulistas foram por aí. Lendo alguns textos da Bíblia, viram como a dimensão mística está próxima ao profetismo e como o Deus da Bíblia ama apaixonadamente os seus preferidos.

Daniel S. Pereira escreve “Um clamor desde os porões da sociedade, com cor de sangue, cheiro de terra e rosto de mulher”. Ele procura mostrar que a vivência da fé é, acima de tudo, uma vivência que nasce de nossas entranhas e do nosso cotidiano, que nos desafia, afronta e que se expressa em situações-limite nas quais sentimos Deus (o autor evita falar o nome completo “Deus” e o escreve sempre D’us) pela sua ausência. Assim, quando se dispõe a refletir sobre a mística na Bíblia, Daniel percorre caminhos adversos daqueles que o senso religioso comum nos aponta. Perscruta os clamores que brotam dos porões da sociedade, da vida e da dignidade negada, do vazio de Deus.

Elias M. Vergara traz um artigo provocador intitulado “Eva libertada: uma leitura mística da transgressão”, partindo do mito de Gn 3. É preciso romper com os dogmas repressivos. O autor constata que a interpretação de Eva sempre a colocou como a causadora do pecado e da queda do homem, levando, com isso, ao menosprezo do papel da mulher. A transgressão aqui é vista como o elemento místico necessário para romper com a realidade estabelecida. Ela suscita o rompimento: é a vocação por excelência do profeta e do místico. Para o autor, Eva é a primeira profetiza bíblica.

No artigo “Fortalecendo a mística a partir de uma leitura afro-descendente de Gn 1,1–2,4a”, Ana Luisa A. Cordeiro interroga o que tem a ver a escravidão negra na América Latina com o Exílio da Babilônia. Ela reflete que os exilados massacrados e espoliados da Babilônia teriam elaborado o “iníciozinho” da Bíblia (Gn 1,1–2,4a), recuperando as esperanças e a mística de sentir-se povo de Yahweh dentro de um contexto repressor. Assim como os exilados hebreus, os negros percebem a existência como liberdade e sentem a humanidade a partir de Deus. O povo negro, com o sétimo dia, tem também seu espaço de memória, de convivência e de prazer pela vida.

Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer, em seu texto “Inefável e sem forma”, tratam de apresentar de modo sucinto uma particularidade da tradição religiosa hebraica que é a proibição de imagens. Trata-se do chamado ‘aniconismo’. Os autores mostram isso, tomando por base o ‘segundo mandamento bíblico’ de Êxodo 20,4-6 e seu paralelo em Deuteronômio 5,8-10. Busca também mostrar como a proibição da feitura de imagens de Deus perpassa outras páginas da Bíblia e, também, como a arqueologia tem evidenciado que, apesar das prescrições doutrinárias na forma das proibições nos mandamentos, o uso de imagens era difundido na realidade do povo hebreu. A proibição de imagens remete, segundo os autores, para a concepção de imagem de Deus mais mística ou inefável, porque é desatrelada de formas iconográficas, que sempre são restritivas.

Luiz Alexandre S. Rossi nos brinda com o título “Mística, discurso e ação política nos profetas”. Compara as desilusões diante dos sonhos não realizados hoje com as situações caóticas enfrentadas pelos profetas. Ao apresentar a espiritualidade profética como a vivência da fé numa perspectiva crítica e construtiva em relação às estruturas, mostra que o profeta é a pessoa que vive intensamente o presente e o interpreta. Isso implica numa mística que procura o direito e a justiça bem como a solidariedade como prática política.

Darlyson Feitosa mostra que há uma tríade presente nas narrativas lucanas, vista sob a perspectiva do dinheiro, da segurança e do discipulado. O presente artigo destaca essa tríade a fim de fazer emergir a realidade místico-libertadora que há na proposta do Cristo. Seguir a Cristo implica em libertação. Ao discípulo cabe desvencilhar-se dos dois primeiros elementos da tríade (dos bens e da segurança proporcionada por eles) a fim de poder trilhar o caminho proposto por Jesus (o discipulado). É compreendendo a dimensão da tríade que o discípulo experimentará a sua própria espiritualidade, a sua nova vida místico-libertadora.

Roberto Lopes de Souza trabalha a “Mística na Epístola aos Gálatas” a partir de Gl 2,20. Ele constata que o Hino Batismal (Gl 3,26-28) está no centro da Epístola. É a partir deste hino que Paulo escreve a missiva. Diante da grave crise provocada pelos missionários judeu-cristãos (judaizantes) Paulo procura, com veemência, proclamar o Evangelho e, ali dentro, ele espelha a sua profunda interioridade e sua identidade com Jesus Cristo: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”.

Dois articulistas trabalharam a “mística” a partir do Apocalipse: Joel A. Ferreira, ao descrever “a mística do martírio no Apocalipse”, frisa que qualquer perseguido tem tudo para se desesperar ou sair de cena. No entanto, os cristãos mantiveram-se na luta antiimperialista romana por causa de uma força que os movia: a identificação com o Ressuscitado, vivo e presente no meio deles. Foi na experiência litúrgica (pessoal e comunitária) que eles resistiram “sem medo” e “viram” a face de Deus que os iluminava, fortificava e os movia. A mística leva à dimensão da liberdade total que acontece na identificação com “Aquele-que-é” e seu “Cordeiro” libertador (Ap 4–5). Nessa liberdade, o perseguido deve continuar, com coragem, a profetizar.

Já Paulo Ueti elabora o texto “Liturgia: lugar de encontro, dança, gravidez mística e práxica” como espaço da mistagogia libertadora. Ele assinala que os desesperançados precisam de “mística” para permanecerem na militância. Cultua-se ao Imperador ou a Jesus Cristo? Por traz do culto se escondem projetos políticos e ideológicos antagônicos. Na liturgia do Apocalipse temos a dança mística e política (ação, trabalho, serviço, diaconia) de um novo mundo, e, por isso, militante. A mística litúrgica do Apocalipse ensina que é preciso voltar “ao primeiro amor e, através do canto e da dança, continuar a revolucionar os corpos e as sociedades em direção ao Amor Erótico Incondicionado – Deus presente”.

Joel Antonio Ferreira

